

Índios ocupam Funai

Pintados para a guerra, kaapor, tembé e timbiras cobram fim das invasões

RAIMUNDO DIAS

Pintados como se estivessem se preparando para uma guerra, índios das tribos Kaapor, Tembê e Timbira foram ontem à sede da Fundação Nacional do Índio (Funai), em Belém, ocupando-a durante todo o dia para exigir que cerca de 1 mil invasores de suas terras na reserva Tembê, de 300 mil hectares, sejam imediatamente retirados do local.

Os índios também querem que seja reiniciado o trabalho de regularização fundiária da reserva, cuja demarcação ainda não foi concluída, além da saída de madeireiros e comerciantes que já devastaram cerca de 80% das florestas da região.

O administrador regional da Funai, Frederico Oliveira, disse que a reivindicação dos índios era justa e que o órgão sempre procurou atender com prioridade seus pedidos. "Infelizmente, nosso maior problema é a falta de recursos, sobretudo para a área fundiária", explicou Oliveira a cerca de 40 índios que viajaram três dias de suas aldeias até Belém. Ele revelou que dos R\$ 3,5 milhões que a Funai em Belém deveria receber até o final de 98, menos de R\$ 300 mil foram repassados. "Os cortes foram profundos no orçamento", disse Oliveira.

Perguntado se a falta de recursos no órgão era apenas em relação ao Pará, ele disse que o problema também atingia outras administrações da Funai. "No Maranhão o problema é o mesmo", acrescentou.

Oliveira passou praticamente o dia todo reunido com os índios, que se mantêm dispostos a ir até Brasília saber o que está acontecendo com a Funai no Pará. Os índios souberam que desde junho os recursos que eram repassados para Belém teriam sido cancelados por ordem do presidente da Funai, Sullivan Silvestre.

O motivo do cancelamento seria a posição contrária de Oliveira à entra-



▲ À MESA - Os índios negociam na Funai: planos de ir a Brasília

da de missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) na reserva dos índios Zo'É, em Óbidos. Oliveira e o sertanista Fiorello Parisi teriam desagradado à direção da Funai, que é simpática à entrada dos missionários. O administrador regional nega qualquer retaliação de Brasília e garante que a falta de recursos no órgão se dá "em todo o país".

Os índios vivem na região nordeste paraense, próximo à fronteira com o Maranhão, e dizem que, além do roubo de madeira, invasão e violência, as doenças também os estão atacando, sobretudo a malária. Eles afirmam que o atendimento médico prestado pela Funai ainda é precário.

O cacique Sérgio Muti Tembê, um dos líderes da manifestação, informou que eles também querem que a Funai libere recursos para projetos de saúde, educação e saneamento. "Os programas não podem parar, porque estão prejudicando os índios".

Ele disse que os índios vieram a

Belém reclamar contra a demora na saída dos invasores e da falta de investimentos da Funai na região. Muti Tembê afirmou que os índios não iriam deixar de lutar pelos seus direitos e que iriam a Brasília cobrar pessoalmente do presidente da Funai, Sullivan Silvestre, uma solução urgente. "Estão roubando madeira todos os dias, já devastaram 80% das madeiras da nossa reserva, e ninguém faz nada. O serviço de demarcação está parado. Ninguém brinca com a gente", acrescentou.

Até o final da tarde os índios ainda estavam no prédio da Funai. Um funcionário do órgão informou que eles aceitaram passar a noite em outro local, na Casa do Índio, em Icoaraci, na periferia de Belém. Muti Tembê disse que os índios, dependendo da ajuda da Funai, estão prontos para viajar a qualquer momento para Brasília. Os índios garantiram que ninguém voltará para a aldeia sem uma solução.